

# A ILUSÃO DO ARREBATAMENTO SECRETO: REFUTAÇÕES À INSUSTENTABILIDADE DA DOCTRINA ESCATOLÓGICA PRÉ-TRIBULACIONISTA

Vinícius Santos Oliveira <sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo analisa e refuta a escatologia pré-tribulacionista, doutrina de origem recente propagada majoritariamente por vertentes pentecostais e neopentecostais de viés dispensacionalista. O objetivo central é demonstrar a insustentabilidade exegética dos pilares que sustentam o arrebatamento secreto e a teoria das duas vindas de Cristo. A fundamentação teórica revela que passagens como 1 Tessalonicenses 4:16 descrevem um evento público e audível, contradizendo a natureza invisível atribuída ao arrebatamento pré-tribulacional. No âmbito hermenêutico, discute-se a interpretação de Apocalipse 3:10, argumentando que o termo grego sugere preservação divina em meio à prova, e não a remoção física da Igreja. A pesquisa também aborda as implicações éticas e espirituais dessa escatologia, apontando que a visão escapista pode fragilizar a resiliência cristã e promover o risco de apostasia ante o sofrimento. Em contrapartida, o estudo propõe uma perspectiva centrada na unidade da Segunda Vinda, na qual a Igreja é capacitada a atravessar a Grande Tribulação sob a proteção da graça, aguardando a Ressurreição dos Mortos e a Transformação Gloriosa. Conclui-se que a esperança bíblica deve priorizar a glorificação final e a vitória sobre a morte no retorno público de Cristo, em detrimento de uma expectativa de livramento temporal fundamentada na isenção de aflições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arrebatamento. Dispensacionalismo. Neopentecostais. Pentecostais. Pré-Tribulacionismo. Volta de Jesus Cristo.

## ABSTRACT

This article analyzes and refutes pre-tribulation eschatology, a doctrine of recent origin widely propagated by Pentecostal and Neo-Pentecostal branches with a dispensationalist perspective. The central objective is to demonstrate the exegetical instability of the pillars supporting the secret rapture and the theory of Christ's two-stage coming. The theoretical framework reveals that passages such as 1 Thessalonians 4:16 describe a public and audible event, contradicting the invisible nature attributed to the pre-tribulation rapture. In the hermeneutical scope, the interpretation of Revelation 3:10 is discussed, arguing that the Greek terminology suggests divine preservation amidst trial, rather than the physical removal of the Church. The research also addresses the ethical and spiritual implications of this eschatology, pointing out that an escapist view can weaken Christian resilience and promote the risk of apostasy in the face of suffering. Conversely, the study proposes a perspective centered on the unity of the Second Coming, in which the Church is empowered to go through the Great Tribulation under the protection of grace, awaiting the Resurrection of the Dead and Glorious Transformation. It concludes that biblical hope must prioritize final glorification and victory over death at the public return of Christ, rather than a temporal deliverance expectation based on exemption from afflictions.

**KEYWORDS:** Secret Rapture. Dispensationalist. Pentecostal. Neopentecostal. Pre-tribulationism. Jesus Return.

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Maciço de Baturité - UNIMB

## 1 INTRODUÇÃO

A escatologia cristã, notadamente a doutrina da Volta de Jesus, apresenta diversas posições interpretativas oficializadas por diversas escolas teológicas e denominações protestantes. Entre elas, o arrebatamento secreto (Pré-Tribulacional) destaca-se como uma das crenças mais difundidas entre as igrejas nas Américas e na África Central. Essa perspectiva teológica sustenta a “Volta de Jesus” repentina, realizada em dois momentos, sendo seu enfoque o “arrebatamento secreto” em que se postula que a igreja será retirada "a qualquer momento" para o céu, sendo poupada dos sofrimentos da Grande Tribulação. A Igreja desfrutará de sete anos de gozo com Cristo, enquanto a Terra mergulhará na Grande Tribulação.

Argumentamos que, a doutrina do arrebatamento secreto, embora não negue a Vinda de Jesus, e, portanto, não seja classificada teologicamente como heresia, ela pode causar distorções práticas na vida presente do crente ao promover uma fé escapista. Ao basear a esperança no livramento do mal futuro, essa visão fragiliza inadvertidamente a comunidade diante dos perigos claramente advertidos pelas Escrituras do Novo Testamento. Ela desvia o foco das promessas do Senhor contida no Apocalipse, as quais se direcionam para aqueles que perseverarem e permanecerem fiéis até o fim.

Essa mentalidade pode, conseqüentemente, levar à frustração, confusão e apostasia quando o sofrimento profetizado para aqueles dias por Cristo de fato se manifestar. Além disso, argumentos doutrinários como esses tendem a fomentar “interesses apocalípticos” e gerar falsas alegações baseadas em supostas "revelações diretas" sobre a vinda secreta de Jesus.

Diante da confusão gerada por essas diferentes abordagens escatológicas, este trabalho se propõe a refutar a doutrina do arrebatamento secreto. Faremos isso, a partir de uma análise das Escrituras que não apenas não abarcam a perspectiva Pré-Tribulacionista, mas a contrariam. Assim, o objetivo é apresentar uma linha do tempo dos eventos futuros conforme o modelo que a Igreja passa pela Grande Tribulação, evidenciando os erros teológicos e as implicações negativas do arrebatamento secreto. Torna-se essencial harmonizar a promessa da Vinda de Cristo com a vocação cristã de perseverança e martírio nos últimos dias, ensinando a Igreja sobre a promessa da ressurreição e transformação dos corpos, e não para a fuga.

A ideia de um arrebatamento secreto expandiu-se para além da esfera cristã, sendo culturalmente difundido pela cultura pop através da mídia como livros, televisão e cinema. O tema desperta igualmente debates calorosos entre líderes religiosos e pastores, em veículos nichados como

debates em podcasts, questionando a precisão teológica destas doutrinas, acrescentando mais dúvidas em seus espectadores que entram nas disputas na seção de comentários.

Durante a pandemia de Covid-19, observou-se um aumento do consumo de notícias apocalípticas, seja por informações que alegavam o fim dos tempos e a Volta de Jesus, causando apreensão em pessoas que buscavam escapar da contaminação do vírus. Logo em seguida no ano de 2020 deflagrou-se a guerra entre a Ucrânia e a Rússia, um conflito militar que retomou os temores das ameaças atômicas, renovou-se, então as teorias conspiratórias em podcast e programas na internet com pastores especulando qualquer notícia com temáticas apocalípticas. Tais tendências sobre o fim do mundo são extremamente alarmantes para a Igreja, reascendendo o fervor dos crentes afastados, ao mesmo tempo em que difunde um grande volume de desinformações com tom catastrófico que são amplamente consumidas pela internet e pela criação de imagens geradas através das Inteligências Artificial (IA) no formato de vídeos curtos. Ao analisar as desinformações veiculadas on-line pode-se verificar grande quantidade de vídeos com a temática do “arrebamento secreto” afastando toda e qualquer outra visão escatológica, que não direcionam a atenção acerca dos sinais da Segunda Vinda, e há risco de a verdade bíblica ser afastada das pessoas. “Veja o caso do pastor sul-africano que chocou as redes sociais ao anunciar a volta de Jesus para 23 ou 24 de setembro de 2025, alegando ter recebido a mensagem em uma visão direta de Cristo. Baseando a previsão no feriado judaico do Rosh Hashaná, (ano novo judaico) o pastor Joshua Mhlakela mobilizou fiéis em preparativos urgentes e atraiu uma onda de críticas de outros crentes”. (FERNANDES, 2025). Agora que a data passou e o evento não se concretizou, surge a pergunta: como a fé de uma comunidade reage ao desmentido de uma profecia de fim dos tempos viralizada globalmente?

Visando o combate da desinformação causado pelo erro teológico quanto ao ensino do retorno de Jesus, este Trabalho de Conclusão de Curso se faz relevante por buscar trazer afirmações contra a visão escatológica do Pré-Tribulacionismo. Desta forma, vislumbra-se a necessidade de colaborar com os esforços acadêmicos para trazer solução.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 AS BASES DO ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONAL

A sustentação da doutrina do arrebatamento secreto Pré-Tribulacionista passa por três bases fundamentais para a construção de sua narrativa escatológica. Essas bases serão descritas a partir do seu contexto histórico, das argumentações de base teológicas e finalmente, os textos bíblicos validadores.

#### 2.1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A priori apresentamos a um breve relato histórico sobre a origem do arrebatamento secreto Pré-Tribulacional, que nos traz a noção de uma construção teológica relativamente recente na história do Cristianismo. Ela contrasta com a visão histórica da Igreja, que sempre esperou o retorno de Cristo como um evento único, público e glorioso.

Historicamente, o conceito de um arrebatamento Pré-Tribulacional e secreto ganhou destaque no século XIX, principalmente através do movimento conhecido como Dispensacionalismo. Parafraseando Brian Schwertley sobre suas origens deste conceito:

Ele aponta sua origem em uma revelação profética atribuída à jovem escocesa Margaret MacDonald em 1830. Sua visão distinguia um resgate de poucos fiéis “o arrebatamento” antes da manifestação do Anticristo e da Grande Tribulação. As reuniões de oração que Margareth MacDonald e seus familiares promoviam em sua cidade (seita Irvingita, Católica) chamavam muita atenção de muitos estudiosos dos fenômenos relatados de curas e milagres com intuito de desmascará-los. Entre eles estava o teólogo anglo-irlandês John Nelson Darby (1800-1882), figura chave dos Irmãos de Plymouth, foi o principal responsável por sistematizar e popularizar essa doutrina. Darby desenvolveu a escatologia dispensacionalista, que divide a história da salvação em eras distintas ("dispensações"). Nessa estrutura, a Igreja e Israel possuem destinos teológicos separados.

Para Darby, Deus precisava remover a Igreja (a "Era da Graça") da Terra para poder retomar Sua relação profética e judicial com Israel durante o período da Tribulação (a "Septuagésima Semana de Daniel"). O arrebatamento secreto tornou-se, assim, um requisito lógico para o funcionamento de

todo o seu sistema dispensacionalista. O conceito secreto da vinda de Jesus na forma de um resgate da igreja foi firmemente enraizado entre os evangélicos nas Américas no início do século XX através de uma obra influente: A Bíblia de Referência Scofield (1909): Editada por Cyrus Scofield, esta Bíblia continha notas de rodapé dispensacionalistas que difundiram a cronologia do arrebatamento Pré-Tribulacional para milhões de leitores, especialmente nos Estados Unidos. A doutrina foi adotada pelo crescente movimento fundamentalista e, mais tarde, pelas igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, tornando-se a visão escatológica dominante em muitas denominações. (Schwertley, 1999).

### 2.1.2 BASE TEOLÓGICA

Agora seguimos com os argumentos doutrinários oriundos dessa visão moderna escatológica adotada nas Américas e vindo para o Brasil seguem dessa forma:

O texto em questão é uma declaração doutrinária fiel à escatologia Pré-Milenista e Pré-tribulacionista, destacando a iminência e a distinção do Arrebatamento, a separação dos eventos finais e a literalidade dos períodos proféticos da Tribulação e do Milênio. “Todos os crentes são arrebatados antes da grande tribulação. O arrebatamento e a segunda vinda são acontecimentos separados. A tribulação e o milênio são, literalmente, períodos de sete anos e 1000 anos.” (LIGHTNER,1990)

Outra definição dessa visão Pre-Tribulacionista do arrebatamento assim ensina com as mesmas premissas teológicas: O Pré-Tribulacionismo ensina que o arrebatamento da Igreja (tanto os santos vivos quanto os mortos) ocorrerá antes do período de sete anos de tribulação, ou seja, antes do início da septuagésima semana a de Daniel 9.24-27. É necessário dizer “antes do período de sete anos de tribulação” (Ryrie, 2012)

Observa-se que a base teológica da doutrina do arrebatamento secreto Pré-Tribulacional, tem grande importância para a interpretação bíblica Dispensacionalista, visão escatológica que divide a história da salvação em dispensações ou eras bem definidas do qual Deus se relaciona com a humanidade em especial e distintas para a Igreja e Israel.

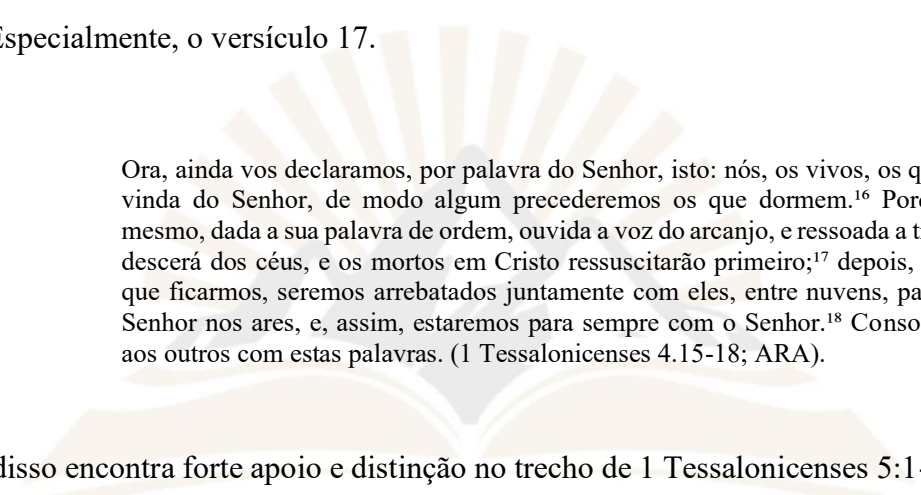
O Arrebatamento Secreto tem o papel fundamental nessa visão escatológica pois seu acontecimento encerra uma dispensação da “Era da Igreja” e dá início a outra a “Era sem a Graça” (Septuagésima Semana de Daniel) que seria a Grande Tribulação. A doutrina dispensacionalista fortemente dependente do arrebatamento secreto para coesão doutrinária, carrega uma interpretação

bíblica literal dos textos, tanto das profecias e promessas a Israel, com intuito de criar a uma narrativa da história da salvação.

Essa visão escatológica amplamente difundida, postula a narrativa de forma a criar uma linha do tempo histórica, sequenciada por imagens mentais bíblicas (literalidade) podendo ser compreendido por uma criança quando ensinadas. A narrativa elaborada projeta o desenrolar dos eventos em um esquema estrutural simplificado com progressão linear (começo, meio e fim) que culmina em um desfecho idealizado de libertação através do arrebatamento.

### 2.1.3 BASE BÍBLICA

Apresentamos a seguir o arcabouço probatório doutrinário dispensacionalista, que contendo os textos bíblicos usados, por aqueles que a defendem, para basear essa visão moderna escatológica. A doutrina do Arrebatamento Secreto, que tem um pilar central da visão escatológica Pré-tribulacionista, utiliza o trecho de 1 Tessalonicenses 4:15-18 como uma de suas bases textuais mais importantes. Especialmente, o versículo 17.



Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem.<sup>16</sup> Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro;<sup>17</sup> depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.<sup>18</sup> Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras. (1 Tessalonicenses 4.15-18; ARA).

Além disso encontra forte apoio e distinção no trecho de 1 Tessalonicenses 5:1-11. Este texto é crucial para demonstrar não apenas a natureza repentina do evento, mas também a exoneração da Igreja da ira divina. Para os dispensacionalistas a Grande Tribulação é juízo de Deus sobre o mundo e não um período de provação para a Igreja.

<sup>1</sup> Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; <sup>2</sup> pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite. <sup>3</sup> Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa; <sup>5</sup> porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. <sup>6</sup> assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios. <sup>7</sup> ora, os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam é de noite que se embriagam. <sup>8</sup> Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da

couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação; <sup>9</sup> porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo, <sup>10</sup> que morreu por nós para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele. <sup>11</sup> consolai-vos, pois, uns aos outros e edificai-vos reciprocamente, como também estais fazendo. (1 Tessalonicenses 5.1-11, ARA).

O arrebatamento secreto e a posição Pré-Tribulacionista, possuem mais um texto fundamental para validação de seu pilar doutrinário escatológico, essencial para a visão dispensacionalista da história bíblica. Ela não descreve o evento do arrebatamento em seu texto, e sim, uma profecia que apresenta um plano de Deus para Israel e o Messias, abrangendo os eventos históricos e futuros. O arrebatamento é um ponto de virada crucial para início da última semana:

<sup>24</sup> Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos. <sup>25</sup> Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. <sup>26</sup> Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. <sup>27</sup> Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele. (Daniel 9.24-27, ARA)

O versículo de Apocalipse 3.10 é um dos pilares textuais mais fortes usados para sustentar a doutrina do arrebatamento secreto e a posição Pré-Tribulacionista. A promessa feita à Igreja de Filadélfia (Apocalipse 3.7-13) é interpretada não apenas como uma bênção local, mas como um princípio profético aplicável a toda a Igreja, como escape da última semana a (Grande Tribulação). “<sup>10</sup> Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra”. (Apocalipse 3.10, ARA).

Os textos bíblicos de 1 Tessalonicenses 4.15-18 e 5.1-11 são basilares, pois dão formato ao evento do arrebatamento e sua natureza súbita. O primeiro texto descreve o encontro dos crentes "nos ares" após a ressurreição dos mortos em Cristo, fornecendo a base descritiva do evento (v. 17). O segundo, ao afirmar que a Igreja não foi "destinada para a ira" (v. 9), serve como argumento principal para a exoneração dos crentes da Grande Tribulação, ligando o arrebatamento à ideia de livramento preventivo. Enquanto o texto de Daniel 9.24-27 apresenta um cronograma divino de setenta períodos de sete anos, que determina o arrebatamento secreto no final dos períodos entre a sexagésima nona e

o início da septuagésima semana. Adicionalmente, Apocalipse 3.10 é interpretado como a promessa profética de que a Igreja será guardada da "hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro" da Grande Tribulação.

A formulação dessas doutrinas não partiu de uma exegese dos textos bíblicos usados como base fundamental, fato, pois nunca fora discutido teologicamente pela igreja em sua história. Sua formação partiu de uma eisegese, pois a origem dessa doutrina tem ponto de partida em uma fonte subjetiva e única, (McDonald), e posteriormente, foram definidos os argumentos teológicos (Darby), aqui apresentados nos contextos históricos.

Em suma, a estrutura dessa doutrina é construída a partir da ênfase em palavras-chave e partículas de frases retiradas desses contextos bíblicos. Essa abordagem interpretativa permite à doutrina Pré-Tribulacionista estabelecer uma sequência de eventos escatológicos separados, distinguindo o Arrebatamento Secreto do retorno visível de Cristo e, assim, sustentando a sua proposta de livramento da Igreja antes do período de tribulação atribuído ao arrebatamento secreto. Assim, sendo interpretada, o Arrebatamento Secreto pode ser encaixado na narrativa da história da salvação dispensacionalista e encontrar harmonia na hermenêutica literal dos textos selecionados para base bíblica.

## 2.2 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E REFUTAÇÃO DA DOCTRINA

### 2.2.1 DETALHANDO A DOCTRINA DO ARREBATAMENTO SECRETO PRÉ-TRIBULACIONAL.

A doutrina do Arrebatamento Secreto Pré-Tribulacional se estrutura sobre três pilares exegéticos e cronológicos principais, que a distinguem fundamentalmente de outras visões escatológicas: O Primeiro Pilar reside na crença do imediatismo e do caráter secreto da vinda de Cristo para a Igreja. Veja este argumento:

Este argumento central sustenta que o retorno de Jesus é uma esperança iminente, o que significa que ele pode ocorrer a qualquer momento para os vivos, com a necessidade da ressurreição dos mortos antes.” Essa perspectiva baseia-se em interpretações de passagens bíblicas que enfatizam a rapidez e a surpresa do evento. Por exemplo, textos como 1 Tessalonicenses 4:17 (em que a Igreja "será arrebatada") e 1 Coríntios 15:52 (que descreve a transformação "num abrir e fechar de olhos") são usados para defender que a remoção da Igreja será um evento invisível e instantâneo para o mundo incrédulo. De acordo com essa visão, a Terra só perceberá o acontecimento após o fato, notando o súbito e misterioso

desaparecimento de todos os crentes. Assim, o arrebatamento é visto como um resgate furtivo e iminente, que marca o início da Tribulação para aqueles que ficaram. (Schwertley,1975).

Como foi dito anteriormente, a estrutura dessa doutrina é construída com o pinçar de palavras-chaves e partículas de frases de versículos bíblicos os isolando do contexto imediato. Os métodos de interpretação se concentram nestas partículas ou palavras-chaves para estabelecer a forma e o momento do arrebatamento:

a) Natureza da remoção, em 1 Tessalonicenses 4.17, é crucial por causa da palavra grega traduzida como "arrebatados" (harpazo), que significa "agarrar, levar à força" ou "tirar rapidamente". Isso é interpretado como um evento súbito e secreto para o mundo, que não se confunde com a Segunda Vinda pública de Cristo. (GINGRICH, 1993).

b) A isenção da ira, 1 Tessalonicenses 5:9, declara: "Deus não nos destinou para a ira". A doutrina entende que a Grande Tribulação é a manifestação da "ira" de Deus sobre a Terra. Assim, a única maneira de cumprir essa promessa é removendo a Igreja antes que o período de ira comece. O foco está na palavra "ira" como sinônimo do julgamento da Tribulação.

c) No livramento da hora (Tēreō ek tēs Hōras) Apocalipse 3:10 promete: "também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro". A preposição grega ek ("da" ou "fora de") é entendida como a preservação total de passar pela experiência da "hora" (o período da Tribulação) e não apenas ser protegido durante ela. (GINGRICH, 1993)

No segundo pilar a doutrina do arrebatamento secreto fundamenta-se na Dualidade do Retorno de Cristo, estabelecendo que Sua vinda ocorrerá em duas etapas distintas, separadas tanto no tempo quanto em propósito:

A "Vinda para os Seus santos" (O Arrebatamento Secreto): esta é a primeira fase, um evento caracterizado por ser iminente, furtivo e invisível para o mundo. Seu objetivo principal é o resgate da Igreja da Terra. A justificativa teológica para essa remoção antecipada é a crença de que a Igreja não está destinada a passar pela "ira" de Deus, conforme a interpretação da passagem de 1 Tessalonicenses 5:9. Este evento precede a Grande Tribulação.

A "Vinda com os Seus santos"(A Manifestação Gloriosa): esta é a segunda fase, um evento público e triunfal que se manifestará após o período da Grande Tribulação. Neste momento Cristo retorna à Terra em glória, acompanhado da Igreja resgatada (os "Seus santos"), para cumprir a profecia e iniciar o Seu reinado milenar. Em suma, a primeira fase é o resgate secreto que precede o juízo, e a segunda é a manifestação gloriosa que o sucede. (Ryrie, 2012),

No terceiro pilar temos a Cronologia Dispensacionalista. “O arrebatamento é posicionado como o evento que marca o fim da “Era da Igreja” e o início da “Septuagésima Semana de Daniel” (a Grande Tribulação)”, (RYRIE, 2012). O argumento teológico é que, com a remoção do Espírito Santo e da Igreja (vista como Seu templo na Terra), o Anticristo terá a liberdade plena para se manifestar. Além disso, essa remoção permite que Deus retome Seu foco exclusivo em Israel, dando início à execução dos julgamentos finais sobre o mundo.

A visão escatológica dispensacionalista clássica posiciona a história bíblica por meio de dispensações, ou eras de administração divina. É central para essa visão o entendimento de um arrebatamento secreto e pré-tribulacional da Igreja, que ocorreria antes da Grande Tribulação, período no qual Israel e as nações seriam julgados.

Observem a importância do arrebatamento para validação da visão escatológica dispensacionalista. Essa doutrina postula o fim da Era da Igreja, juntamente com um fim da dispensação da graça divina para os que ficarem na Terra, estabelecendo um ponto final para a salvação de qualquer pessoa após este evento. E o evento que determina essa data limite do final de “Era da Igreja” é o Arrebatamento Secreto.

É de grande importância compreendermos esse elemento da cronologia dispensacionalista chamado a “Era da Igreja”, para determinas os componentes dessa dispensação e compararmos com a história da Igreja: “Dentro dessa perspectiva, as sete igrejas descritas no livro do Apocalipse simbolizam sete períodos sucessivos na história eclesiástica uma interpretação conhecida como “As Sete Eras da Igreja”. (CONEGERO,2019).

Dentro da exegese dispensacionalista, as sete igrejas descritas em (Apocalipse 2.1 - 3.22), representam a totalidade da Igreja durante a dispensação da Graça, antes do arrebatamento secreto, com a igreja de Laodiceia (Apocalipse 3.14-22) simbolizando a condição espiritual final da Igreja na Terra antes desse evento repentino. Conforme esta visão, cada igreja simboliza uma fase histórica específica:

Éfeso representa a era apostólica (30–100 d.C.); Esmirna, a igreja sob perseguição (100–312 d.C.); Pérgamo, a união entre igreja e Estado (313–590 d.C.); Tiatira, o período medieval de corrupção (590–1517 d.C.); Sardes, a igreja da Reforma (1517–1730 d.C.); Filadélfia, a era missionária (1730–1900 d.C.); e Laodicéia, a igreja apóstata do período moderno até o retorno de Cristo (desde 1900 d.C. em diante) (CONEGERO,2019).

Ainda no terceiro pilar devemos abordar outro ponto doutrinário importante para compreensão do arrebatamento secreto postulado pela cronologia dispensacionalista clássica. São “As Setenta Semanas de Daniel”, descritos em (Daniel 9.24-27) tal ensino constitui-se em um cronograma divino, que revela o futuro destinado ao povo de Daniel, os judeus. Saliento que, o termo “semanas” significa “setes” de modo que os dispensacionalista interpretam como setenta semanas de anos.

O plano de Deus revelado pelo anjo Gabriel no texto, consiste: “Durante quatrocentos e noventa anos o Senhor cumprirá seis propósitos específicos em relação aos seu povo. Os três primeiros eram relacionados ao pecado do povo, e os três últimos, à justiça. O Senhor faria cessar a transgressão do seu povo e daria fim aos pecados de Israel como nação”. O anjo dividiu os setenta setes - 490 anos - em três períodos significativos: 49 anos, 434 anos e 7 anos.

No primeiro período de 49 anos será a assinatura do decreto autorizando a reconstrução de Jerusalém ocorrido em 445 a.C.; O segundo período de 483 anos será até a vinda do Ungido entre 29/30 d.C. O último período de 7 anos será o da Tribulação ou Dia do Senhor. (WIERSBE, 2006).

Na cronologia Dispensacionalista o período entre sexagésima nona semana (483 anos) e o início da septuagésima semana (7 anos) seria o período da “Era da Igreja” ou o “Período da Graça” uma lacuna no plano de Deus destinado a Igreja, e quando no seu fim ocorrerá o arrebatamento secreto Pré-Tribulacional. A retirada da Igreja da Terra fara Deus retomar seu plano original com os judeus com a conclusão da última semana.

A atratividade desta doutrina, está na literalidade da leitura bíblica de textos de linguagem simbólica, na cronologia bem narrada e definida com um evento de resgate misterioso e iminente, o que culmina em fenômenos de viralização midiática como o recente caso do pastor sul-africano já citado, reside justamente na promessa de livramento total do sofrimento e do caos apocalíptico. É essa expectativa de escapismo, contudo, que será o foco da nossa refutação, questionando tanto sua base exegética quanto suas consequências éticas.

## **2.2.2 IDENTIFICAÇÃO DO EQUÍVOCO PRINCIPAL DA DOCTRINA DO ARREBATAMENTO SECRETO**

Embora a doutrina do Arrebatamento Secreto Pré-Tribulacional ofereça o conforto da esperança iminente e do livramento total do sofrimento, o que é muito atraente, tal ensino ignora criticamente textos bíblicos sobre a perseverança da Igreja através da tribulação (Atos 14.22), a apostasia da igreja e a manifestação do homem da iniquidade (2 Tessalonicenses 2.3) e toda a

sequência dos eventos (1 Tessalonicenses 4.16). “Os reformadores usam o termo “perseverança dos santos” para indicar a indefectibilidade final dos eleitos, que, embora continuem a experimentar a tentação e o pecado após a justificação jamais ficaram de fora do poder da graça”. (MULLER, 2023).

Vale salientar que a identificação do equívoco não trata de negar a promessa ou a expectativa do Arrebatamento, mas sim de questionar sua cronologia e a natureza secreta deste evento.

O principal equívoco dessa visão escatológica reside em uma interpretação dualista da escatologia que desassocia o arrebatamento da manifestação gloriosa da Segunda Vinda de Cristo, estabelecendo um evento secreto e sem sinais visíveis. Isso não só contradiz os textos que unem o Arrebatamento à manifestação gloriosa após a Grande Tribulação de (Mateus 24:29-31), como também fomenta uma mentalidade de escapismo que fragiliza a fé ao prometer a ausência total de sofrimento final, essa doutrina falha em preparar a Igreja para o mandamento bíblico de perseverar nas tribulações até o fim, expondo-a à frustração e ao possível risco de apostasia quando o sofrimento revelado por Cristo se manifestar na história.

Por fim, essa doutrina pode provocar em alguns cristãos a pretensão de que a última geração seria detentora de um tratamento especial, isenta de perseguições e males, que todas as gerações anteriores de cristãos sofrerão ao longo da história da Igreja (1 Coríntios 4.8). Essa doutrina demonstra um rompimento com a unidade histórica e orgânica da Igreja que junta sofre (1 Coríntios 12.26), de um Cristo que sofre até hoje com o martírio de Sua Igreja oriental aguardando o transbordar das taças que acumulam a Ira de Deus (Apocalipse 6.9-11).

### **2.2.3 REFUTAÇÃO 1: AS CONTRADIÇÕES LÓGICAS E EXEGÉTICAS DA "VINDA SECRETA"**

O primeiro erro crucial da doutrina do arrebatamento secreto reside na contradição lógica e exegética de postular uma "Vinda Secreta".

A premissa fundamental do Pré-Tribulacionismo é que o Arrebatamento da Igreja será um evento invisível e iminente, sem sinais prévios, distinto da manifestação gloriosa final. Vejam estas citações:

Os teólogos chamam esse conceito de doutrina da volta iminente de Cristo. O adjetivo “iminente” caracteriza algo que pode ocorrer a qualquer momento. Como cristãos, não procuramos sinais e sabemos que não será preciso ocorrer algo especial antes de Cristo. Esses grandes momentos se darão “num momento, num abri e fechar de olhos.

Não está vindo nos ares para levar o seu povo para o lar (1 Ts 4.13- 18); antes, está vindo à Terra com o seu povo, para conquistar os seus inimigos e estabelecer seu reino. (Wiersbe,2006)

No entanto, a evidência bíblica desmente a premissa de que haverá duas etapas separadas na Segunda Vinda de Cristo. O texto clássico do Arrebatamento, em 1 Tessalonicenses 4.16-17, contradiz a ideia de um evento silencioso e secreto: “Porque o Senhor mesmo descerá do céu com grande brado [kelema, grito de comando], com voz de arcanjo e ao som da trombeta de Deus...” (1 Tessalonicenses 4:16).

O Arrebatamento, conforme descrito em 1 Tessalonicenses 4:16-17, é um evento ruidoso e visível, não um desaparecimento misterioso, mas o ponto de partida para os eventos de (1 Coríntios 15.51,52), (a ressurreição e a transformação dos crentes) seguidos pela "voz do arcanjo" e pela "trombeta de Deus" que nos sepulcros atrai todos para a presença do Senhor. “Historicamente gritos e trombetas anunciavam a chegada de monarcas na época dos governos absolutistas”. (RYRIE, 2012). Esse evento sonoro é o equivalente celeste proclamando o retorno de Jesus neste caso para julgar a Terra. Além disso, o próprio Jesus, ao descrever o ajuntamento de Seus eleitos, posiciona-o imediatamente após a Grande Tribulação e associado a sinais cósmicos inconfundíveis (Sol escurecido, Lua sem brilho) ao rasgar o tecido espaço temporal. Ele afirma: "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem... E ele enviará os seus anjos com forte clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos[...]" (Mateus 24.29-31).

A tentativa de separar esses eventos em duas vindas distintas ignora o fato de que ambos os textos (Mateus 24 e 1 Tessalonicenses 4) utilizam o mesmo evento audível (“o clangor da trombeta”) para descrever o ajuntamento dos crentes. A lógica interna da Bíblia aponta para um único evento de reunião da Igreja, que ocorrerá em glória, publicamente e após o fim da tribulação. A noção de um resgate silencioso é uma construção que enfraquece o testemunho bíblico da manifestação gloriosa de Cristo como o ápice da história.

O segundo erro crucial da doutrina do arrebatamento reside na interpretação do texto bíblico ao estabelecer o momento do arrebatamento. A distorção exegética do Pré-Tribulacionismo está na natureza da remoção da Igreja, descrito em 1 Tessalonicenses 4.17; e erro ocorre quando a interpretação separa a palavra, isolando-a do contexto. A palavra grega traduzida como "arrebatados" (harpazo), que significa "agarrar, levar à força" ou "tirar rapidamente". Com o verbete destacado do verso é possível interpretá-lo como um evento súbito e secreto para o mundo. Assim a interpretação

permite distinguir em dois eventos a Segunda Vinda pública de Cristo ao incrementar (harpazo), junto com a frase isolada do final do texto “estaremos para sempre com o Senhor” (cf. v.17.)

Ao analisar o sentido da palavra, arrebatados “harpazo” dentro do contexto delimitado do v. 17, podemos observar duas coisas: primeiro, o sentido da palavra não implica segredo, o significado correto é “levar rapidamente”, descrevendo uma mudança de posição espacial específica (GINGRICH, 1993). Veja como esse texto explica essa interpretação: “E o seu filho foi arrebatado para Deus até o seu trono”. (Apocalipse 12.5); Arrebatamento (harpazo) é somente um meio de locomoção entre um ponto e outro. Ainda neste ponto de vista, o v.17 apresenta o destino do “rpto” da igreja que será dentro da atmosfera terrestre com Jesus à vista de todos, este texto tem um paralelo com a Ascensão de Jesus em Atos 1.9 (foi Jesus elevado as alturas, à vista deles [...] E os anjos disseram: Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o viste subir) v.11. O momento descreve um encontro entre a Igreja e o Senhor nos ares e entre as nuvens.

Aprofundaremos nossa análise, com o evento da descida física de Jesus para o encontro com sua Igreja que é defendido pelo próprio texto de 1 Tessalonicenses 4.16. o foco exegético aqui é a palavra grega que descreve a ação de Cristo: “o apóstolo usa a expressão: “O próprio Senhor” αὐτὸς ὁ Κύριος (autos ho Kyrios) “[... descera do céu” καταβήσεται ἀπ' οὐρανοῦ (katabēsetai ap' ouranou): a palavra “kátabasis” significa, literalmente “descida” ou “vir para baixo” (GINGRICH, 1993). O significado teológico da palavra “descida” descreve uma ação de um movimento de deslocamento em trajetória vertical de aproximação com o solo. O ponto de origem é o céu (ἀπ' οὐρανοῦ) e o ponto de referência é a superfície terrestre para seu encontrar com os santos nos ares, conforme o v. 17 de 1 Tessalonicenses 4”; (RYRIE, 2012). Isso refuta a ideia de que a vinda de Jesus seria apenas um comando invisível que arrebatava a Igreja para uma região distante do céu. Em vez disso, a linguagem de Paulo enfatiza que o arrebatamento é parte da Sua presença real e manifestação (Parousia), que implica uma descida real do Senhor. Ele não fica parado, mas desce em glória e poder para encontrar a Igreja.

Um outro texto de apoio ao Arrebatamento Secreto é 1 Tessalonicenses 5.1- 11, o qual também refuta a dualidade do retorno de Jesus e a tese de um evento secreto e sem sinais para a Igreja.

O apóstolo Paulo não está descrevendo os eventos específicos da Grande Tribulação no verso 2, mas sim a natureza súbita e inesperada do Dia do Senhor para o mundo não salvo: “Pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite.” (v. 2)

A surpresa (vir “como ladrão”) é reservada para aqueles que vivem em uma falsa sensação de “paz e segurança.” O contraste crucial reside no estado de alerta dos cristãos, bem distante deste

embotamento espiritual: “Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa; [...]” (v. 4).

Este verso demonstra que os crentes não estão em ignorância nem em trevas devido à ausência de uma fonte de iluminação. Estão orientados e preparados quanto à volta do Senhor em plena luz do dia. A advertência é clara: o risco de serem pegos inadvertidamente no Dia do Senhor só existe para os não cristãos, pois ambos estarão presentes no início do evento (Mateus 24.43-44).

Na sequência da perícopes temos o argumento do Apóstolo Paulo, longe de apresentar um consolo através um escape total e prévio, mas anuncia um alerta imperativo à vigilância, à sobriedade e a lucidez (v. 6-8). Ele exige que a Igreja esteja desperta às vésperas do Dia do Senhor atenta aos sinais do último dia, armada com as virtudes de fé, amor e esperança. O fato de a Igreja ser exortada a "vigiar e ser sóbria" com o Dia do Senhor iminente sugere que ela passará por um período de teste que exige perseverança dos santos, e não que será removida antes que a crise comece.

<sup>6</sup>assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios.

<sup>7</sup>Ora, os que dormem de noite, e os que se embriagam é de noite que se embriagam. <sup>8</sup> nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação; (v.6-8)

Quanto ao verso 9, Paulo não emprega o termo “Ira” como sinônimo da Grande Tribulação que sobrevirá sobre a Igreja, dentro do contexto. A “Ira” é um vocábulo usado como sinônimo das ações de Deus no julgamento final para os não salvos: “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação...” (v. 9)

A "ira" da qual a Igreja será salva é a justiça divina aplicada nos eventos seguintes ao Dia do Senhor, o juízo eterno (o julgamento das nações conforme Mateus 25:31-46). Isso reforça que o propósito do Arrebatamento não é evitar o sofrimento da igreja mundo.

O versículo de Apocalipse 3:10, dirigido à igreja de Filadélfia, é frequentemente citado como a principal "prova" bíblica para o arrebatamento Pré-Tribulacional, sob o argumento de que Deus promete livrar a Igreja inteiramente da Grande Tribulação: <sup>10</sup>porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. (Apocalipse 3.10)

No entanto, uma análise mais profunda do texto original grego e do contexto bíblico revela que a promessa é de proteção e sustentação divina durante o período de provação, e não de uma

remoção física da Igreja antes que a crise se inicie. O ponto-chave para a refutação reside na tradução da preposição grega ek (εκ) no trecho "eu te guardarei da hora da provação."

A interpretação Pré-Tribulacional apresenta o termo grego (ek) no sentido de saída ou remoção (exclusão absoluta), significando que a Igreja será retirada antes que a hora da provação chegue. "A promessa de Apocalipse 3.10 não garante que seremos preservados das provas do período da tribulação. Ela vai mais além, pois diz que não participaremos do período de tribulação". (RYRIE, 2012)

A interpretação correta diz que embora (ek) possa significar na frase "para fora de," quando usado com o verbo (terein) guardar, ele frequentemente carrega o sentido de "preservar dentro de" ou "guardar durante." A promessa é de preservação protetora, não de isenção total (GINGRICH, 2013). O sentido bíblico é de guarda protetora (tereso) guardarei da malignidade que cerca os santos,

o que é um tema recorrente na Escritura: Jesus orou para que os discípulos fossem guardados do mal (teres es ek tou Maligno), não que fossem tirados do mundo: "Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do Maligno" (João 17:15).

A preposição é a mesma e o sentido é de proteção em meio à presença do mal. A promessa, portanto, não é de um "resgate de escape", mas de um "resgate de preservação." A Igreja passará pela "hora da provação," mas será guardada e sustentada por Cristo. (RYRIE, 2012)

O Paralelo "Palavra da Minha Perseverança" a promessa de Deus é uma resposta direta à fidelidade da Igreja de Filadélfia. O texto começa: "Porque guardaste a palavra da minha perseverança..." A Palavra da Perseverança (hypomon) esse termo significa perseverança, paciência e resistência sob pressão ou sofrimento. (GINGRICH, 2013).

O mandamento de Cristo para a Igreja é perseverar nas dificuldades. Em um contexto lógico percebe-se: Se a Igreja é elogiada por sua perseverança, e se a perseverança só se prova em meio à adversidade, a recompensa lógica de Deus não seria remover a Igreja de todo sofrimento, mas capacitá-la a perseverar na maior prova que virá sobre a terra. A recompensa pela perseverança é a capacidade de perseverar na provação máxima.

Em suma, Apocalipse 3.10 não promete a ausência de sofrimento, mas sim a proteção de Cristo sobre a Igreja fiel durante o período de tribulação. A Igreja não é isenta do teste, mas é protegida em sua relação com Cristo para que não sucumba à apostasia e ao juízo.

Outra contradição lógica a ser refutado seria conciliar a interpretação de que a promessa em (Apocalipse 3.10) constitui um arrebatamento secreto Pré-Tribulacional entra em contradição lógica com a "Teoria das Sete Eras da Igreja" na visão escatologia dispensacionalista, apresentando um

evidente anacronismo. Segundo essa teoria, a promessa de ser "guardado da hora da provação" foi feita especificamente à era da igreja de Filadélfia, que simboliza o período de fervor missionário entre aproximadamente 1730 e 1900 d.C.

“A inconsistência reside no fato de que o evento esperado o arrebatamento secreto não ocorreu ao término dessa era. Consequentemente, alguns adeptos da visão dispensacionalista tentam estender a promessa de escape a Igreja da Filadelfia, originalmente condicional à sua fidelidade, para a era subsequente de Laodicéia (1900 d.C. até o presente), a qual é descrita na mesma teoria como apóstata e morna. (CONEGERO,2019).

## 2.2.4 REFUTAÇÃO 2: AS CONSEQUÊNCIAS NÃO INTENCIONAIS E A FÉ ESCAPISTA

Além das falhas estruturais na interpretação dos textos sobre a Vinda de Cristo, a adoção da doutrina do arrebatamento secreto Pré-Tribulacional levaria a possíveis consequências éticas e práticas prejudiciais para a comunidade de fé, culminando na promoção de uma fé escapista.

O principal e possível dano dessa doutrina, reside em sua promessa de imunidade ao sofrimento final. A Bíblia, por outro lado, estabelece a perseverança na aflição como um mandamento e uma marca da verdadeira fé (João 16.33; Mateus 24.13). Paulo salienta que o sofrimento não garante a entrada no Reino, o sentido é que as tribulações e perseguições acompanham a entrada no Reino de Deus (Atos 14.22). Ao retirar a Igreja do período de angústia antes que ele comece, a doutrina Pré-Tribulacional cria uma expectativa teológica de livramento que desmotiva o preparo para o martírio e a resistência sob perseguição, na trajetória do Reino de Deus.

Isso se manifesta em duas implicações negativas concretas para os cristãos ansiedade diante dos noticiários e especulação de datas escatológicas com ênfase no imediatismo ("a qualquer momento"), podendo gerar uma ansiedade crônica devido ao alarmismo, além de fomentar a especulação de datas para a Vinda de Jesus. O caso do pastor sul-africano Joshua Mhlakela, que viralizou ao prever o Arrebatamento para setembro de 2025, ilustra perfeitamente como essa doutrina pode ser explorada, resultando em desilusão, confusão e descrédito quando a profecia falha. (FERNANDES, 2025).

A fragilização diante do sofrimento acontece quando a fé é baseada na premissa de que a Igreja será poupada da "ira" (o que muitos crentes interpretam como qualquer tipo de sofrimento), a ocorrência de grandes crises (como pandemias, guerras ou perseguições localizadas) pode levar à frustração teológica e à apostasia. Uma fé que espera ser resgatada antes da prova, não desenvolve a

resiliência necessária para suportá-la, minando a vocação de testemunhar de Cristo em meio à adversidade.

A Bíblia afirma que haverá sofrimento: “Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida”. (Apocalipse 2.10).

Portanto, ao invés de oferecer fé, constância, e perseverança, o ensino do arrebatamento secreto Pré-Tribulacional, com sua ênfase na fuga, pode conduzir alguns crentes para a deserção quando o tempo da tribulação de fato chegar.

### **2.2.5 A RESSURREIÇÃO: O MAIS IMPORTANTE DOS EVENTOS ESCATOLÓGICOS.**

A escatologia popular, dominada pela expectativa do arrebatamento secreto Pré-Tribulacional, frequentemente promove um foco quase exclusivo no "escape" (o arrebatamento) em detrimento aos princípios elementares da doutrina de Cristo como a Ressurreição dos Mortos e a Transformação Gloriosa do corpo (cf. Hebreus 6.1). Essa preferência interpretativa representa um desvio teológico inverso ao da ordem de importância estabelecida pelas Escrituras os quais não devemos demover com facilidade (2 Tessalonicenses 2.2).

Veja a importância da doutrina fundamental da ressurreição dos mortos nas Escrituras, apontada pelo pastor Congregacional, Vanderli Lima Carreiro, em contraponto ao foco da escatologia dispensacionalista.

“A ressurreição de todos os mortos é um ensinamento claro das Escrituras Sagradas e uma das doutrinas fundamentais do Evangelho.” (CARREIRO, 2005).

Descrevendo a progressão da revelação de Deus na história, constatamos que a doutrina da ressurreição dos mortos é um dos dogmas centrais e fundamentais do Cristianismo, recebendo ênfase esmagadora no Novo Testamento. Ela não é apenas uma crença periférica, mas a base sobre a qual toda a fé cristã se sustenta. Louis Berkhof relata: Como se podia esperar, o Novo Testamento tem mais que dizer sobre ressurreição dos mortos do que o Antigo Testamento, porque coloca o clímax da revelação de Deus sobre este ponto na ressurreição de Jesus Cristo. (BERKHOF, 2012).

O Apóstolo Paulo é universalmente reconhecido como o principal sistematizador da doutrina da ressurreição dos mortos dentro do Novo Testamento. Enquanto os Evangelhos narram a Ressurreição de Jesus e outros eventos, é nas epístolas paulinas que a doutrina é teologicamente desenvolvida e fundamentada como um dogma central da fé cristã. A doutrina da ressurreição dos

mortos foi uma arma teológica crucial da Igreja Primitiva para refutar o dualismo gnóstico, que desprezava a matéria e o corpo físico em favor do mundo espiritual.

“Paulo tem mais a dizer sobre a ressurreição do que qualquer outro escritor do Novo Testamento. A redenção se aplica ao homem como um todo, inclusive ao corpo (Romanos 8.23). Paulo, muitas vezes contrasta os sofrimentos da existência terrena com a futura glória (Romanos 8.18), mas nunca considera a vida corpórea, em si mesma, uma coisa má da qual deseja se libertar. Em vez de ser descartado o corpo que nos humilha com frequência, deve ser transformado e glorificado (Filipenses 3.21)”, (LADD, 2003)

Definindo o arrebatamento da igreja: o encontro dos crentes vivos com Cristo nos ares será um evento real, mas é apenas o meio de locomoção, o transporte, o passo seguinte de uma realidade muito maior. Ele é a maneira pela qual a última geração de crentes vivos e os ressurretos serão incluídos na manifestação plena da salvação. Paulo, ao descrever este evento em (1 Tessalonicenses 4.17), o coloca no contexto do ajuntamento final e do conforto mútuo. Contudo, em (1 Coríntios 15), o mesmo apóstolo gasta dezenas de versículos explicando a doutrina central da esperança cristã: a ressurreição.

Como foi dito anteriormente a ressurreição é o ápice da salvação. A Bíblia estabelece a Ressurreição dos Mortos como o clímax da obra redentora de Cristo e a maior promessa escatológica. A ressurreição de Cristo é a garantia da nossa ressurreição, e a ressurreição dos crentes é a vitória final sobre a morte, o último inimigo a ser vencido (1 Coríntios 15.26). Ao focar no arrebatamento como o evento mais desejado, o crente corre o risco de valorizar mais a isenção da dor (o escape) do que a plenitude da vida (a glória).

O problema do arrebatamento consiste em um evento de livramento temporal e circunstancial. A glória da Ressurreição é a transformação eterna e ontológica (da natureza do ser). A transformação de corruptível a incorruptível é o verdadeiro objetivo da volta de Cristo, para os crentes que já morreram e para os que estiverem vivos, é a Transformação Gloriosa, a mudança do corpo corruptível para um corpo incorruptível. Paulo é enfático: “Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados... Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade” (1 Coríntios 15.51-53).

A Ressurreição e a Transformação são o ápice da nossa vitória sobre a morte. A Ressurreição anula o poder da morte, e o resultado do pecado. A Transformação concede um corpo à imagem de Cristo ressurreto, para a perfeição eterna, nos tornando aptos para a eternidade. Assim realizaremos a consumação da fé quando a salvação do espírito se manifestar plenamente na redenção do corpo.

O anseio pelo arrebatamento, se isolado, é um anseio pelo "fim do problema." O anseio pela Ressurreição é o anseio pela participação completa na glória de Cristo. O crente deve priorizar a transformação que nos torna imortais e incorruptíveis, e não apenas o modo como seremos transportados. A ressurreição é a garantia de que, com ou sem tribulação, o destino da Igreja é a glória eterna com um corpo aperfeiçoado.

## 2.2.6 A IGREJA NA GRANDE TRIBULAÇÃO E A VINDA GLORIOSA DE CRISTO

O estudo da Escatologia (doutrina das últimas coisas) gera diversas correntes de interpretação sobre os eventos do fim dos tempos. Uma das mais antigas e proeminentes é o da Igreja na Grande Tribulação, que oferece uma perspectiva coesa sobre o papel da Igreja, o sofrimento e o glorioso retorno de Jesus Cristo.

Veja o que o apóstolo Pedro nos afirma, referente aos sofrimentos da Igreja por Cristo, como um privilégio glorioso em sua primeira carta:

<sup>12</sup> Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; <sup>13</sup> pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando. <sup>14</sup> Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus (1 Pedro 4.12-14, ARA).

Veja a exultação do apóstolo Paulo sentia referente situação dos Tessalonicenses e a recomendação que este fez a Igreja diante das perseguições e tribulações:

<sup>4</sup> a tal ponto que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, à vista da vossa constância e fé, em todas as vossas perseguições e nas tribulações que suportais, <sup>5</sup> sinal evidente do reto juízo de Deus, para que sejais considerados dignos do reino de Deus, pelo qual, com efeito, estais sofrendo; <sup>6</sup> se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam <sup>7</sup> e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, <sup>8</sup> em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. (2 Tessalonicenses 1.4-8, ARA)

Esta visão se destaca pela convicção de que a Igreja passará integralmente pela Grande Tribulação, e que Deus se utilizara destes eventos para provar sua Igreja, com objetivo de extrair

resultados para benefício espiritual do crente, como glória ao Deus e Senhor. O arrebatamento não será um evento secreto e separado, para resgate da Igreja antes da Grande Tribulação, mas sim um fenômeno único e simultâneo à Segunda Vinda de Cristo em poder e grande glória após a tribulação predita. “fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus”. (Atos 14.22).

### 2.2.6.1 A Cronologia de Acordo com a Perspectiva da Igreja na Grande Tribulação

Abaixo, detalhamos cronologicamente a sequência de eventos escatológicos sob a lente da Igreja na Grande Tribulação. Tal perspectiva, traz o clímax do sofrimento para a igreja, tribulação que já era realidade desde o início da Igreja (cf. Atos 5), pois este evento sustenta que o período conhecido como Grande Tribulação não é um tempo reservado exclusivamente para Israel, mas sim uma época de intensa provação e perseguição para toda a Igreja, sendo que os gentios e Israel não podem ser desassociados em Cristo por formar um único Corpo.

<sup>11</sup> Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas, <sup>12</sup> naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. <sup>13</sup> Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. <sup>14</sup> Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, <sup>15</sup> aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, <sup>16</sup> e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade. (Efésios 2:11-16)

A Igreja enfrentará a perseguição do Anticristo e do Falso Profeta, sendo o alvo da ira de Satanás e dos homens. No entanto, os crentes serão protegidos espiritualmente e preservados através desse tempo (Apocalipse 3.10), à semelhança de Noé, que foi guardado no dilúvio. Os juízos de Deus descritos no livro de Apocalipse (selos, trombetas e taças) serão derramados sobre o mundo incrédulo. A Igreja é poupada da ira divina e da condenação, mas não do sofrimento físico e das aflições impostas pelo mundo.

Imediatamente após a consumação da Grande Tribulação, o mundo testemunhará a ocorrência de grandes sinais nos céus (o sol e a lua escurecerão, as estrelas cairão), conforme profetizado por Jesus no Evangelho de Mateus no capítulo 24. Nesta perspectiva não existem duas fases do retorno de Cristo (uma secreta e uma pública); há apenas uma manifestação gloriosa.

O Retorno Visível de Jesus Cristo será em glória, e "todo olho o verá" (Apocalipse 1.7). Este é o momento em que a promessa de Seu retorno se cumpre de forma literal e pública. Veja o que diz

o Artigo 27 dos 28 Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo formulado por Dr. Robert Reid Kalley em 1876: Artigo 27 – Da Segunda Vinda do Senhor: Nosso Senhor Jesus Cristo virá do céu como homem, em Sua própria glória e na glória de Seu Pai, com todos os santos e anjos; assentar-se-á no trono de Sua glória e julgará todas as nações. (CARREIRO, 2005).

A Sua vinda será marcada pelo toque da última trombeta (Mateus 24.31; 1 Coríntios 15.52; 1 Tessalonicense 4.16). A Ressurreição e a Transformação serão no mesmo instante, ocorrerá a Ressurreição para a Vida (a ressurreição dos mortos em Cristo) e a transformação dos crentes que estiverem vivos, que receberão seus corpos glorificados. Os crentes ressuscitados e transformados serão arrebatados para encontrar o Senhor nos ares, e então, com Ele ficaremos para sempre (1 Tessalonicenses 4:17). O Arrebatamento é o ato de reunião dos eleitos de todos os séculos na volta de Cristo. Veja também o que diz o Artigo 28 dos 28 Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo formulado por Dr. Robert Reid Kalley em 1876:

Artigo 28 - Da Ressurreição para a Vida ou para a Condenação: Vem a hora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e ressuscitarão; os mortos em Cristo ressurgirão primeiro; os crentes que neste tempo estiverem vivos serão mudados, e sendo arrebatados estarão para sempre com o Senhor, os outros também ressuscitarão, mas para a condenação. (CARRERIO, 2005).

A Igreja na Grande Tribulação oferece uma visão escatológica que encoraja a perseverança e a fidelidade da Igreja em face da provação. Ele une o sofrimento presente da Igreja com a esperança de que, ao fim de todas as coisas, os crentes testemunharão e participarão diretamente da manifestação mais gloriosa da história: a Segunda Vinda de Cristo. A esperança do crente, portanto, não é a remoção da Terra antes do caos, mas a glorificação no momento exato em que o Salvador retorna para julgar o mundo sendo o Justo Juiz, realizando a paga aos perversos por suas más obras como Deus determinou. Veja o que diz a Declaração de Savoy de 1658 quanto ao juízo final.

Capítulo XXXIII, Item II – Do Juízo Final: O fim que Deus tem em vista, determinando esse dia, é a manifestação da glória de sua mercê na salvação eterna dos eleitos, e sua justiça na condenação dos réprobos, que são perversos e desobedientes. Pois então os justos entrarão na vida eterna, e receberão aquela plenitude de alegria e glória, com galardão eterno, na presença do Senhor, mas os perversos, que não conhecem a Deus e não obedecem ao evangelho de Jesus Cristo, serão lançados nos tormentos eternos e serão punidos com eterna destruição, banidos

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva, utilizando o método bibliográfico para o exame das doutrinas escatológicas contemporâneas. O procedimento metodológico estruturou-se em três etapas fundamentais: o levantamento histórico das origens do dispensacionalismo no século XIX, a análise teológica das declarações doutrinárias pré-tribulacionistas e a exegese comparativa dos textos bíblicos utilizados como prova (1 Tessalonicenses, Daniel e Apocalipse). A coleta de dados baseou-se em fontes primárias e secundárias, incluindo obras de teólogos referenciais como John Nelson Darby, Cyrus Scofield e Charles Ryrie, confrontadas com a literatura reformada e clássica para a devida refutação teológica. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, buscando identificar contradições lógicas e inconsistências hermenêuticas nas premissas de um arrebatamento secreto e invisível.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 4.1 A GÊNESE E OS PILARES DO PRÉ-TRIBULACIONISMO

Os resultados indicam que a doutrina do arrebatamento secreto é uma construção teológica relativamente recente, consolidada no século XIX através do movimento dispensacionalista. Historicamente, conforme Schwertley (1999), o conceito ganhou forma a partir das sistematizações de John Nelson Darby, que separou os destinos teológicos de Israel e da Igreja em dispensações distintas. Essa estrutura exige, logicamente, a remoção da Igreja para que o plano divino com Israel seja retomado na "Septuagésima Semana de Daniel". No Brasil e nas Américas, essa visão foi amplamente difundida pelas notas da Bíblia de Scofield, tornando-se hegemônica em denominações pentecostais e neopentecostais. Teologicamente, a base do sistema reside na iminência de um resgate furtivo, onde a Igreja seria poupada da "ira" divina, interpretada aqui como o período cronológico da Grande Tribulação.

## 4.2 ANÁLISE CRÍTICA E REFUTAÇÃO DA VINDA SECRETA

A análise exegética revela contradições profundas na tese da invisibilidade do arrebatamento. O texto de 1 Tessalonicenses 4:16 descreve o retorno de Cristo acompanhado de "grande brado", "voz de arcanjo" e a "trombeta de Deus", elementos que denotam um evento público, audível e glorioso, em oposição à ideia de um desaparecimento misterioso. A discussão teológica aponta que o termo grego *harpazo* (arrebatados) indica um meio de locomoção rápida, e não uma natureza secreta do evento. Ao confrontar Mateus 24:29-31 com as epístolas paulinas, observa-se que o ajuntamento dos eleitos ocorre "imediatamente após a tribulação", unificando o arrebatamento e a manifestação gloriosa de Cristo em um único evento escatológico, visível a "todo olho".

## 4.3 A PROBLEMÁTICA DA FÉ ESCAPISTA E A CENTRALIDADE DA RESSURREIÇÃO

A pesquisa demonstra que a ênfase no "escape" pré-tribulacional gera consequências éticas preocupantes, promovendo o que se denomina "fé escapista". Essa mentalidade tende a fragilizar a resiliência cristã diante do sofrimento real, desmotivando o preparo para a perseguição e o martírio, marcas históricas da fé cristã (Atos 14:22). Além disso, o foco desproporcional no arrebatamento como livramento temporal acaba por eclipsar a doutrina fundamental da Ressurreição dos Mortos. Conforme Berkhof (2012) e Ladd (2003), o ápice da esperança cristã não é a isenção da dor, mas a transformação ontológica do corpo corruptível em incorruptível. A vitória final não reside na fuga da história, mas na transformação gloriosa e no julgamento público, onde a Igreja, após perseverar pela Grande Tribulação, é glorificada na Parousia de seu Senhor.

## 4.4 A IGREJA NA TRIBULAÇÃO: PERSEVERANÇA E GLÓRIA

Conclui-se que a perspectiva da Igreja na Grande Tribulação harmoniza de forma superior os textos bíblicos e a tradição histórica. Nesta visão, a Igreja não é removida da prova, mas preservada e sustentada por Cristo dentro dela, assim como o termo grego *tereo ek* em Apocalipse 3:10 sugere guarda protetora em meio ao mal. O arrebatamento, portanto, funciona como o ato solene de encontro

nos ares com o Rei que desce para julgar a terra e estabelecer Seu domínio. Essa compreensão encoraja a vigilância e a sobriedade, fundamentando a fé não na expectativa de imunidade especial para a última geração, mas na certeza da glória eterna que sucede a fidelidade até a morte.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a refutar a doutrina do arrebatamento secreto Pré-Tribulacional, uma perspectiva escatológica dispensacionalista que, embora popular, demonstrou ser insustentável tanto em sua fundamentação bíblica quanto em suas consequências práticas para a comunidade de fé. Nossa Análise Exegética Crítica evidenciou que os pilares do Pré-Tribulacionismo a vinda secreta, a dualidade do retorno de Cristo e a isenção da Igreja da Tribulação desassociam o Arrebatamento da Segunda Vinda Gloriosa, contradizendo textos que os unem por meio da "voz do arcanjo" e da "trombeta de Deus". A promessa em Apocalipse 3.10 (que envolve a palavra grega hypomon – perseverança), não é de escape, mas de proteção e capacitação da Igreja fiel para suportar a "hora da provação", validando a visão de que a Igreja estará na Grande Tribulação.

Ademais, demonstramos as consequências não intencionais dessa teologia como a fragilização da fé escapista; a promessa de imunidade que desmotiva o preparo para a perseverança e o martírio exigidos pelas Escrituras, expondo a Igreja ao risco de apostasia quando o sofrimento inevitável se manifestar.

Outro ponto importante é o desvio da esperança central: a ênfase no "escape" (Arrebatamento) promove um foco no livramento temporal em detrimento da verdadeira esperança cristã: a Ressurreição e a Transformação Gloriosa (1 Coríntios 15). O Arrebatamento é um meio de transporte para a última geração de crentes, mas o ápice da salvação é a Vitória sobre a Morte e a vestimenta do corpo incorruptível e imortal.

Em síntese, a perspectiva da Igreja na Grande Tribulação apresentada neste trabalho harmoniza a promessa da Vinda de Cristo com a vocação de fidelidade e perseverança da Igreja. Ela nos equipa não para a fuga, mas para a resistência. A esperança do crente é a glorificação no momento exato em que o Salvador retorna publicamente e em poder para resgatar Seus eleitos, derrotar Seus inimigos e inaugurar Seu reinado eterno.

A fé bíblica não busca a ausência do teste, mas a perfeição através do teste, e a garantia de que, com ou sem tribulação, o destino da Igreja é a glória completa na presença do Senhor, com um corpo aperfeiçoado.

Então, este trabalho não pretende encerrar o debate, mas contribuir para uma reflexão que inspire práticas cristãs mais conscientes, maduras e engajadas, estimulando novas pesquisas que ampliem o diálogo entre teologia, sociedade e cultura contemporânea.

## 6 REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_, *BÍBLIA de Estudo Plenitude*, Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_, *BÍBLIA de Estudo Spurgeon*. King James 1611. Niterói, RJ: BV Books, 2015.

ARCHER, Gleason, *Enciclopédia de Temas Bíblicos, respostas as principais dificuldades e contradições da Bíblia*, São Paulo, SP, Vida, 2001.

BERKHOF, Louis, *Sumário de Doutrina Cristã*, Brasília, DF, Monergismo, 2018. BERKHOF, Louis, *Teologia Sistemática*, São Paulo, SP, Cultura Cristã, 2012.

BOYER, Orlando S., *Pequena Enciclopédia Bíblica*, São Paulo, SP, Vida, 2002.

CARREIRO, Vanderli Lima, *Nossa Doutrina: Comentário dos 28 Artigos da breve Exposição do Cristianismo*, Rio de Janeiro, RJ, Unigevan, 2005.

CULLMANN, Oscar, *Cristo e o Tempo*, São Paulo, SP, Fonte Editorial, 2020.

GINGRICH, Wilbur, *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*, São Paulo, SP, Vida Nova, 1993.

GONZALES, Justo L., *História Ilustrada do Cristianismo*, v. 2, São Paulo, SP, Vida Nova, 2020.

GRUDEM, Wayne. *Bases da Fé Cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender*, Rio de Janeiro, RJ, Thomas Nelson, 2018.

LADD, George Eldon, *Teologia do Novo Testamento*, São Paulo, SP, Hagnos, 2003.

LIGHTNER, Robert P., *The Last Days Handbook*, California, CA, Thomas Nelson, 1990.

RYRIE, Charles Caldwell, *Teologia Básica: Um Guia Sistemático Popular para Entender a Verdade Bíblica*, São Paulo, SP, Mundo Cristão, 2012.

SCHWERTLEY, Brian, *Is the Pretribulation Rapture Biblical?* Plainfield, NJ, Logos International, 1975.

WEGNER, Uwe, *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*, São Leopoldo, RS, Sinodal, 2016.

WIESBE, Warren, *Comentário Bíblico Expositivo*, v.5, Novo Testamento 1, Santo André, SP, Central Gospel, 2008.

WIESBE, Warren, *Comentário Bíblico Expositivo*, v. 6, Novo Testamento 2, Santo André, SP, Central Gospel, 2008.

FERNANDES, Maxuel, *Você acha que será arrebatado*, Vídeo, São Paulo, SP, YouTube, 9 out. 2025. 1 vídeo (1min 55s). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Ni0sBOgO93U>. Acesso em: 09.10.2025.

CONEGERO, Daniel, *qual o Significado das Sete Igrejas do Apocalipse?* Estilo Adoração, 2019, <https://estiloadoracao.com/qual-o-significado-das-sete-igrejas-do-apocalipse/>. Acessado em 09/10/2025.

*DECLARAÇÃO de Fé e Ordem de Savoy de 1658. tradução de Joyce E. Winifred Every-Clayton.* Recife, PE, Igreja 24 hs, 2018, Disponível em <https://admin.igreja24h.com.br:8080/files/churches/116354/bulletins/119454>. Acesso em: 09/10/2025. *gem de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. 1. ed. 374 p. ISBN 978-65-86146-40-0

